

Natal aumenta expectativas do comércio

DF

Luís Cláudio Alves

Depois de um ano difícil, com crescimento do desemprego, achatamento salarial e atividade industrial em baixa, o último bimestre chega com perspectivas de melhora. O comércio e a indústria de Brasília apostam na recuperação de suas atividades nestes últimos dias do ano, mas destacam o clima de euforia. A principal expectativa fica por conta da entrada de aproximadamente Cr\$ 500 bilhões no mercado, em função dos processos de isonomia da área federal e do GDF, que elevou os salários dos funcionários públicos, principal força de trabalho da cidade.

“A expectativa é positiva, principalmente porque, sazonalmente, nessa época as vendas melhoram. Mas os lojistas estão cautelosos e evitam previsões demasiadamente otimistas”, analisa Ana Maria Bandeira, da Associação Comercial do DF (ACDF). O presidente da Federação das Indústrias do DF (Fibra), Antônio Fábio Ribeiro, também acredita no reaquecimento das atividades industriais. “A isonomia dos servidores públicos e o pagamento do 13º salário indica essa melhora, mas mesmo assim o nível da atividade industrial em 1992 deve ficar abaixo dos índices de anos anteriores”, diz ele.

Historicamente, os últimos meses do ano são marcados pelo aumento das vendas e reaquecimento da economia. Em 1992, a festa de fim de ano vem acompanhada de um ingrediente especial: concessão de gratificações e reajustes salariais para várias carreiras do funcionalismo. Embora esses benefícios não tenham resolvido completamente o achatamento salarial dos servidores públicos, há a expectativa de que esses recursos sejam direcionados para o consumo. Nesse caso, a economia local viveria um período bem diferente do restante do ano, com crescimento da produtividade industrial e das vendas.

Apesar dos fatores positivos, os representantes do empresariado lo-

FOTOS: VANDERLEI POZZEMBOM



A isonomia salarial elevou os salários do funcionalismo público, reativando o seu poder de compra e criando euforia nos comerciantes

cal descartam a euforia e preferem aguardar os acontecimentos para avaliar o comportamento da economia brasileira nesse final de ano. Prova disso é que até agora o comércio ainda não se decidiu sobre a contratação temporária para as vendas de natal, o que normalmente é fato consumado já no início de novembro. Dados parciais sobre o volume de consultas ao Serviço de Pro-

teção ao Crédito (SPC) em outubro também demonstram que a realidade não tem nada de empolgante para os comerciantes. Segundo a ACDF, as consultas ao SPC caíram este ano entre 15 e 25 por cento em relação a 1991.

Indústria — O parque industrial do DF, formado quase exclusivamente por pequenas e médias empresas, passou o ano todo à espera de

um reaquecimento da economia. No fechamento do 3º trimestre, a Fibra divulgou um balanço apontando a frustração do setor por não ter atingido os índices de atividade industrial previstos para o período. Segundo o balanço, a produção industrial em 1992 provavelmente apresentará um resultado negativo.

Para Antônio Fábio Ribeiro, o agravamento da recessão nos últimos

dois anos tem muito a ver com o achatamento salarial dos funcionários públicos. “O funcionalismo forma o principal mercado consumidor do DF, por isso a situação salarial desse segmento acaba se refletindo em toda a economia da cidade”, explica ele. Antônio Fábio acredita que o último trimestre apresentará resultados positivos, mas incapazes de alterar o panorama da economia.

Vendas em 92 têm rendimento baixo

O volume de negócios no comércio em 1992 tem sido um dos mais baixos dos últimos tempos. Nem os Cr\$ 500 bilhões injetados no mercado em outubro, em função dos processos de isonomia, animaram os comerciantes. “Até o momento, os lojistas ainda não sentiram a entrada desse dinheiro no consumo”, atesta Ana Maria Bandeira, da Associação Comercial do DF (ACDF). Uma pesquisa conjuntural do comércio varejista da Federação do Comércio do DF (FCDF) apontou apenas no primeiro semestre do ano uma queda no faturamento entre 15 e 30 por cento, dependendo do ramo de atividade.

O presidente do Sindicato do Comércio Varejista, Lázaro Marques, acha que o final do ano pode tranquilizar alguns lojistas, mas diz que isso não vai modificar a situação vivida em 1992. “Acredito que os dois últimos meses podem ser melhores do que o mesmo período do ano passado”, analisa.

O próprio Lázaro Marques é quem dá o exemplo de criatividade. Lançou a campanha Natal Sindivarejista e está pessoalmente empenhado para que os 25 mil estabelecimentos comerciais existentes no DF participem. A campanha conta com o apoio do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (Sebrae) e consiste na circulação de uma nova moeda, o Noel, para ampliar o poder de compra do brasileiro.

De acordo com a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) da Codeplan, 22,2 por cento dos desempregados em setembro pertenciam ao comércio, ou seja, foram demitidos de funções nesse segmento. A pesquisa indicou um total de 121,1 mil desempregados no DF, o que representa 16,1 por cento da População Economicamente Ativa (PEA). O diretor técnico da Codeplan, Paulo Timm, espera um ligeiro reaquecimento da economia para o final do ano e aumento dos postos de trabalho no comércio a partir da próxima PED, que analisará dados de outubro.



O pagamento do 13º salário também deverá reaquecer as vendas do Natal

Servidor público é a esperança

Os funcionários públicos representam a principal força de trabalho do DF. Na esfera do GDF, incluindo administração direta, fundações, autarquias e empresas, são mais de cem mil pessoas ocupando empregos públicos. No Governo Federal, o volume é ainda maior. De acordo com o Ministério do Trabalho, e da Administração, há cerca de 201 mil servidores da União lotados na cidade. Ao todo, o DF conta com um contingente de mais de 300 mil funcionários públicos. Isso representa quase 50 por cento da População Economicamente Ativa (PEA) do DF.

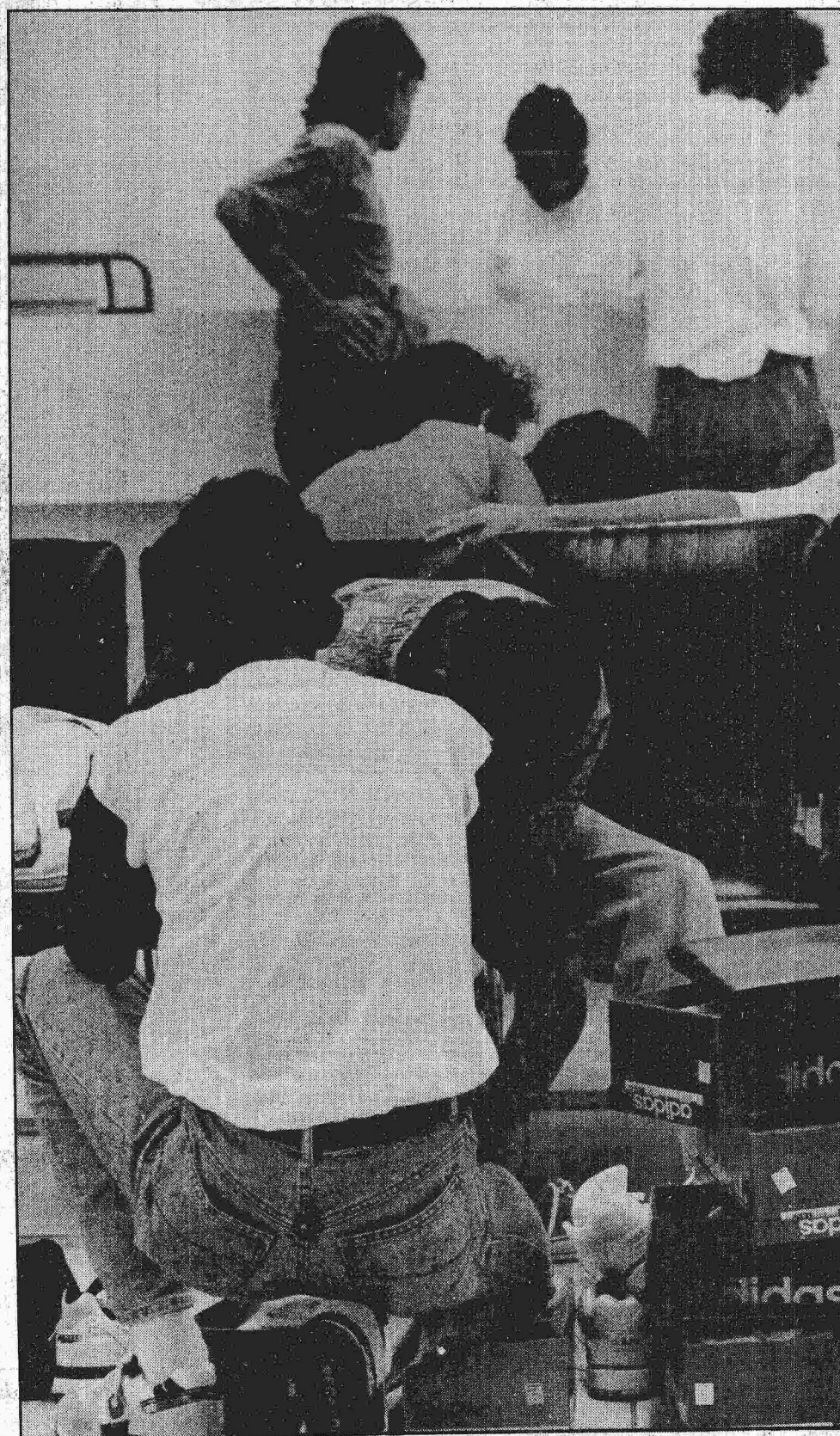
O diretor técnico da Codeplan, Paulo Timm, confirma a importância do funcionalismo público na economia local. “Apesar do número apresentar pequena redução ao longo dos anos, este ainda é o segmento mais importante da economia do DF. É o que nós chamamos de variável estratégica do processo de geração de renda e emprego da cidade”, analisa Timm.

Para Timm, os números até certo ponto negativos da economia explicam-se, também, pela política salarial do governo Collor para o funcionalismo. O setor público, segundo Timm, também responde por quase

50 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) do DF, algo entre três e quatro bilhões de dólares anuais.

Isonomia — Em função dos processos de isonomia a área Federal e o GDF injetaram em outubro aproximadamente no mercado Cr\$ 500 bilhões. Esse montante é a soma dos aumentos das folhas de pagamento do GDF (cerca de Cr\$ 100 bilhões) e da União (aproximadamente Cr\$ 400 bilhões) em decorrência das últimas gratificações e reajustes concedidos a algumas carreiras do funcionalismo.

A Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) de setembro aponta perdas sucessivas ao longo do ano no valor médio real dos empregados da administração pública. Segundo a pesquisa, a perda no rendimento médio real do funcionalismo apenas entre julho e agosto foi de 10,3 por cento, quase o dobro da perda verificada em outros segmentos. “A pesquisa mostrou que a perda mais expressiva nos rendimentos médios reais dos ocupados no mês de agosto ocorreu na administração pública. Esse dado já é um indicativo de que o comércio também teve queda nas vendas, pois os reflexos são imediatos”, argumentou Timm.



Para atrair maior número de consumidores, as lojas estão fazendo promoções